



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ - BREVES
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS – FACIN

ANA LUIZA MAR BRAGA

**OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DE CIÊNCIAS
PERANTE DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 6º ANO**

BREVES- PA
2023

ANA LUIZA MAR BRAGA

**OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DE CIÊNCIAS
PERANTE DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 6º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Neide Carneiro Ramos

Coorientador: Prof. Dr. Tiago Magalhães da Silva
Freitas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B813d Braga, Ana Luiza Mar.
Os desafios enfrentados pelo professor de ciências perante
dificuldades de leitura e escrita no 6º ano / Ana Luiza Mar Braga. —
2023.
19 f.
Orientador(a): Profª. Dra. Maria Neide Carneiro Ramos
Coorientador(a): Prof. Dr. Tiago Magalhães da Silva Freitas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de
Ciências Naturais, Breves, 2023.
1. alfabetização. 2. aprendizagem. 3. ensino de ciências. I. Título.

CDD 370

ANA LUIZA MAR BRAGA

**OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR DE CIÊNCIAS
PERANTE DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO 6º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Naturais.

Data de aprovação: 05 / 09 / 2023

Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Maria Neide Carneiro Ramos
Secretaria Municipal de Educação- Breves-PA (Orientadora)



Prof. Dr. Tiago Magalhães da Silva Freitas
FACIN – CUMB, UFPA (Coorientador)



Profa. Ma. Maria Goreti Coêlho de Souza
Prof FACIN – CUMB, UFPA (Titular)

Dedico este trabalho a meu pai falecido, a quem agradeço as bases que deu para tornar a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todo o trajeto do meus estudos.

Agradeço aos meus pais Antônio e Iranilde que me incentivaram e estiveram sempre do meu lado ao longo desses anos na minha caminhada acadêmica, em especial ao meu pai, que não pode estar presente fisicamente até o final.

Agradeço ao meu irmão Ramiro que iniciou este curso comigo, porém, por forças maiores não pode terminar, mas que sempre me incentivou e ajudou a prosseguir até o fim, mesmo com todas as dificuldades ao longo do caminho.

Agradeço a minha orientadora Dra. Neide Ramos pela disponibilidade e auxílio na elaboração deste trabalho.

Agradeço a esta instituição por ter me proporcionado a estrutura necessária para que pudesse crescer academicamente e pessoalmente e aos meus professores por todo o conhecimento que adquiri ao longo do tempo e me capacitarem para a realização deste trabalho.

Agradeço a minha grande amiga Karina, que esteve sempre ao lado nos momentos de alegrias e tristezas na universidade e na vida pessoal.

Por fim, agradeço a todos de coração, os que foram aqui mencionados e os que não, porque não dá para falar de todos em particular, mas todos foram importantes para meu percurso.

“É no conhecimento que existe uma chance de libertação.”

(Leandro Karnal).

RESUMO

A compreensão, leitura e interpretação de textos, assim como o controle da escrita se constituem em processos indispensáveis para o desenvolvimento cognitivo. Porém, muitas crianças iniciam o Ensino Fundamental maior com índices preocupantes no que se refere a leitura e a escrita. O que interfere, conseqüentemente, no processo de ensino-aprendizagem, pois, o mínimo de compreensão e escrita de um texto é de suma importância no contexto pedagógico e contribui significativamente para o sucesso escolar do aluno. Desta forma, esta pesquisa se movimenta neste campo problemático, com o objetivo de promover a reflexão sobre os desafios que o professor de ciências enfrenta com alunos com atraso em leitura e escrita, dando ênfase ao 6º ano do Ensino Fundamental. Questionando e analisando as estratégias e as práticas docentes realizadas pelo professor no enfrentamento desta problemática, principalmente no desenvolvimento dos conteúdos de Ciências. Nesse contexto, a pesquisa, é resultado do Estágio Supervisionado II e se baseia em observações realizadas nas aulas de Ciências e em uma entrevista realizada com a professora responsável pelas turmas do 6ºano, que permitiu destacar dificuldades enfrentadas diariamente em suas aulas. Portanto, é notório que ainda existem sérios problemas quanto à alfabetização, evidenciando a necessidade da aplicação de estratégias metodológicas para minimizar a problemática, assim como, dispositivos específicos de avaliação que possibilitem driblar as dificuldades enfrentadas pelos alunos com a leitura e a escrita.

Palavras-Chave: alfabetização; aprendizagem; ensino de ciências.

ABSTRACT

Comprehension, reading and interpretation of texts, as well as writing control are essential processes for cognitive development. However, many children start higher Elementary School with worrying rates in terms of reading and writing. This interferes, consequently, in the teaching-learning process, since the minimum understanding and writing of a text is of paramount importance in the pedagogical context and contributes significantly to the student's academic success. In this way, this research moves in this problematic field, with the objective of promoting reflection on the challenges that the science teacher faces with students with delay in reading and writing, emphasizing the 6th year of Elementary School. Questioning and analyzing the teaching strategies and practices carried out by the teacher in facing this problem, mainly in the development of Science content. In this context, the research is the result of Supervised Internship II and is based on observations made in Science classes and on an interview with the teacher responsible for the 6th grade classes, which allowed highlighting difficulties faced daily in their classes. Therefore, it is clear that there are still serious problems with literacy, highlighting the need to apply methodological strategies to minimize the problem, as well as specific assessment devices that make it possible to circumvent the difficulties faced by students with reading and writing.

Keywords: literacy; learning; science teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	11
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
3.1	Dificuldades encontradas pela professora	12
3.2	Avaliação dos alunos com atraso em leitura e escrita	13
3.3	Estratégias utilizadas para minimizar a problemática	14
4	CONCLUSÃO	15
	REFERÊNCIAS	16
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A PROFESSORA SUPERVISORA	17

1 INTRODUÇÃO

A partir da experiência obtida no Estágio Supervisionado I, componente obrigatório do curso de licenciatura em Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará (UFPA), foram possíveis reflexões e a identificação de diversas problemáticas enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem, entre os quais, destacam-se as dificuldades enfrentadas por professores no que se refere a leitura e a escrita, objeto este que mobiliza o campo problemático desta pesquisa, orientada pela ideia de que muitas crianças chegam ao Ensino Fundamental não alfabetizadas ou com analfabetismo funcional, questiona-se: Que dificuldades a professora de Ciências enfrenta com alunos não alfabetizados? Como os conteúdos de Ciências são desenvolvidos com esses alunos? Que estratégias metodológicas são utilizadas no enfrentamento das dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem desses alunos? Como esses alunos são avaliados diante do problema enfrentado? Reconhecendo que a alfabetização nas séries finais do Ensino Fundamental não seja uma tarefa didático-pedagógica do professor – pois, segundo as diretrizes curriculares os alunos já deveriam estar alfabetizados a partir do 2º ano escolar – É provável que a professora, para amenizar essa problemática e melhorar sua prática desenvolva um ensino capaz de criar situações de aprendizagem para todos, uma vez que, alguns alunos encontram-se em um nível mais avançado em alfabetização do que outros. Portanto, esta questão da prática alfabetizadora demanda que professor elabore atividades, deveres e adote métodos afim de driblar está problemática.

Desta forma, o campo problemático desta pesquisa alinha-se com a ideia de André (2010) de que em sua formação o professor não é somente alguém qualificado em uma determinada área específica, ou alguém capaz de transmitir o conteúdo teórico e metodológico, mas também alguém capaz de saber enfrentar as situações do dia-a-dia na escola e fazê-lo construir a educação escolar em sua totalidade. Neste contexto, o objetivo neste trabalho é mapear os desafios que surgem na prática docente de professores de ciências, no aprendizado de alunos não alfabetizado ou com dificuldades na leitura e escrita em turmas do 6º ano, promovendo reflexões acerca das estratégias utilizadas pelo professor para lidar com esta problemática.

2 METODOLOGIA

Este estudo, conforme já mencionado, foi desenvolvido através do Estágio Supervisionado de Observação, realizado na escola municipal de Ensino Fundamental Odízia Corrêa Farias, com uma turma de 6º ano. A coleta de dados se desenvolveu em dois momentos: No primeiro momento foi produzido e apresentado um projeto para a professora supervisora e depois voltamos para observar os alunos da turma do 6º ano do Ensino Fundamental agora focadas exclusivamente nas dificuldades que a professora encontrava para trabalhar os conteúdos de Ciências com alunos com dificuldades de leitura e escrita e como ela enfrentava tal dificuldade. No segundo momento: foi realizada uma entrevista com a professora, para saber suas dificuldades e conhecer a sua prática de enfrentamento da problemática.

Desta forma, este estudo caracteriza-se como uma abordagem de pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (2016):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (Minayo, 2016, p.21).

Assim, como instrumento de pesquisa descritiva para a coleta de dados foi utilizada a entrevista, uma vez que esta possibilita um diálogo com o objetivo principal de obter informações do entrevistado sobre determinado problema. Ela “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação” (Goode; Hatt, 1973, p.237 *apud* Marconi; Lakatos, 2009, p.81).

O método de coleta de dados de entrevista pode ser classificado em três tipos: estruturada, semiestruturada e não estruturada. No entanto, optamos pela semi estruturada, com intuito de promover uma maior proximidade e maior interação entre o entrevistador e a pessoa entrevistada, uma vez que o entrevistador segue um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, contudo, não precisa segui-las rigorosamente, permitindo adquirir detalhes acerca do fenômeno investigado. De acordo com Minayo (2002):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma fala despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores [...] que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada [...] (Minayo, 2002, p. 57).

Em alinhamento com autor as informações coletadas desta pesquisa foram obtidas por meio de uma entrevista gravada, utilizando um roteiro semi estruturado de perguntas (apêndice A) cujo objetivo foi conduzir de uma forma mais dinâmica a relação com a professora, em que possibilitou algumas mudanças, conforme algumas questões que surgiram no momento da entrevista e que forneceu informações para visualizar as dificuldades que a professora presencia em suas aulas no que se refere a dificuldade de leitura e escrita enfrentadas pelos alunos, sobretudo, para avaliar esses alunos, e as estratégias que utiliza para minimizar o problema. Em seguida, as informações coletadas foram analisadas e interpretadas, acompanhando um referencial teórico que possibilitou as discussões e reflexão dos resultados. Assim, as respostas da professora foram categorizadas em pontos relacionados com as dificuldades encontradas, estratégias utilizadas e forma de avaliação desses alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas foram organizadas em três categorias: (i) Dificuldades encontradas pela professora, (ii) avaliação dos alunos com atraso em leitura e escrita, e (iii) estratégias utilizadas para minimizar a problemática.

3.1 Dificuldades encontradas pela professora

Inicialmente, de acordo com algumas falas da professora, quase metade dos alunos do 6º ano apresentavam dificuldades de leitura e outros não reconheciam as letras e nem as sílabas. Caracterizando-se como um cenário preocupante, de acordo com a fala da professora: “*A escrita, como eu escrevia no quadro eles transcreviam no caderno. Se você dividiu o quadro no meio, eles dividiam o caderno no meio, não tinham nenhuma noção, estavam realmente no 3º no 4º ano, que já vinham num processo de defasagem de alfabetização. E aí a gente se deparou com essa realidade*”.

Apresentavam também, segundo a professora, problemas em relação a formação e identificação de palavras, além dificuldade na leitura e interpretação de palavras simples, e palavras voltadas para termos científicos. Enfatizando que todos os pontos destacados dificultavam na execução de suas aulas de ciências.

Outro aspecto salientado pela professora, foi o retorno às aulas presenciais, uma vez que a modalidade de ensino passou do ensino à distância, com elaboração de cadernos de

atividades, para as aulas presenciais novamente após o período de pandemia. Neste contexto, a professora afirma em uma de suas falas que: *“os alunos que chegaram no ano de 2022, no 6º ano, são alunos que estavam no 3º e no 4º ano do ensino fundamental ainda em processo de alfabetização, e eles ficaram em casa, somente com o auxílio do caderno de atividades, a leitura ficou em segundo plano. Nesse retorno pra aula presencial essa é a maior dificuldade com os alunos do 6º ano para todas as disciplinas, não só para o ensino de ciências”*, afirmando novamente que o maior desafio enfrentado estava voltado para alfabetização, sendo uma problemática agravada pelo período de pandemia.

Nesse contexto, é possível compreender que as dificuldades que a professora enfrentava no 6º ano, estavam ligadas ao momento pós pandêmico que afetou significativamente o desenvolvimento da escrita e da leitura das crianças. Destacando que as dificuldades encontradas de escrita estavam ligadas a comando na fala da professora, dificuldade que pode estar ligada ao fato de que as crianças que estavam no 6º ano, passaram “direto” do 4º ano, o que pode explicar o atraso desses alunos.

3.2 Avaliação dos alunos com atraso em leitura e escrita

A avaliação destacada pela professora se caracteriza como diagnóstica. De acordo com Miras e Solé (1996), “avaliação diagnóstica é a que proporciona informações acerca das capacidades dos alunos antes de iniciar um processo de ensino/aprendizagem”. Assim, configura-se como um instrumento essencial para os processos de ensino e aprendizagem da palavra escrita, através do diagnóstico é possível identificar os estágios de aprendizagem dos alunos em leitura e escrita, visando a promoção de intervenções adequadas.

Segundo a professora, a avaliação dos alunos que apresentam dificuldade em leitura e escrita é feita diariamente, de forma gradativa, através da observação, de exercícios, atividades feitas no caderno e atividades feitas oralmente. Dessa forma, através dessas atividades é possível fazer um mapeamento dos alunos que necessitam de reforço, que inclusive é ofertado pela escola no contra turno: *“a gente tem um mapeamento com os nomes dos alunos que realmente precisam desse auxílio e que foram orientados a fazer aula de reforço aqui na nossa escola. Então os alunos que estão no processo de alfabetização vêm para a aula no horário regular deles, e no contra turno eles fazem aula de reforço”*.

Nesta perspectiva, é possível dizer que a avaliação que a professora realizava se constituía como uma avaliação formativa, como um dispositivo de verificação em que o nível de dificuldade dos alunos é identificado, a fim de proporcionar medidas para minimizar

a problemática. Nesse contexto, é salutar o ultrapassamento da ideia de avaliação como mero dispositivo instrumental e técnico. A técnica, a instrumentalização é importante, mas até elas devem ser vista com outras matizes. Segundo Carvalho (2008), a boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia a dia e procurar soluções para os problemas dos alunos que não acompanham.

3.3 Estratégias utilizadas para minimizar a problemática

No contexto desta problemática, faz-se necessário o uso de estratégias diversificadas para que o aluno com dificuldade em leitura e escrita possa efetivamente aprender o conteúdo ensinado pelo professor. Em sala de aula há uma grande diversidade cultural e social entre os alunos e isso exige dos professores estratégias diferentes de ensino de forma a tornar a prática eficiente para todos os alunos (Medina-Papst; Marques, 2010, p. 36-42).

De acordo com a professora, umas das estratégias mais utilizadas por ela é exercitar por meio da leitura coletiva: *“a estratégia mais usada foi a leitura coletiva, utilizando palavras escritas no quadro, a utilização de leitura individual quando há correção dos trabalhos, e os trabalhos que são feitos para casa”*. Para Solé (1998, p.118), a leitura compartilhada é definida como uma prática em que *“o professor e os alunos assumem - as vezes um, as vezes outros- a responsabilidade de organizar a tarefa de leitura e de envolver os outros na mesma”*. Dessa forma, promovendo incentivo à leitura em suas aulas de ciências, uma vez que a alfabetização é um processo que deve estar presente em todas as áreas, e não apenas em disciplinas de língua portuguesa, além de colocar o aluno como protagonista, tornando-o mais participativo na construção de sua aprendizagem. Uma vez que a leitura diária se torna um hábito, esta, conseqüentemente, trará avanços para a escrita e interpretação dos alunos.

Além disso, a professora enfatiza em suas falas, a importância de um trabalho em conjunto, relacionando o papel do aluno, da família e dela quanto docente, para o processo de alfabetização do aluno: *“ele (aluno) foi prejudicado por uma situação generalizada da pandemia, mas ele tem que correr atrás também para tentar avançar e acompanhar os demais alunos, essa responsabilidade é dele, da família e minha quanto professora”*. Neste sentido, ressalta a importância de contatar os pais desses alunos sobre suas respectivas dificuldades, uma vez que o envolvimento da família nesse processo é de suma importância, estimulando-o positivamente, pois, se esse aluno tiver em constante contato com a leitura e

for estimulado a gostar de ler, tendo em vista que isso será ainda mais reforçado na escola, obterá êxito em sua alfabetização.

Vale ressaltar, a importância da relação professor-aluno, e da relação aluno-aluno durante este processo. Salientando o “feedback” positivo da professora, em cada avanço de seus alunos, e destacando também a influência de colegas que se mostram felizes com esses pequenos avanços, pontuando que essa relação auxilia ao aluno que está aprendendo através da empatia e solidariedade dos demais como mostra a fala da professora nesse trecho: *“hoje nas turmas que eu trabalho eu percebo que os alunos que conseguem acompanhar dentro daquilo que é exigido dele ele já ajuda os demais e ficam também felizes quando os demais que tiveram dificuldades e que tem dificuldades, conseguem ler e avançar”*.

4 CONCLUSÃO

A Alfabetização, se destaca como umas das principais etapas de ensino e de suma importância para a aprendizagem, contudo, na realidade do contexto escolar observado ainda existem muitas problemáticas graves voltadas para defasagem da mesma no 6º ano, delineando-se como uma das maiores preocupações dos pais e professores de todas as disciplinas na atualidade.

Este estudo possibilitou compreender os esforços da profissão docente para lidar com esta problemática através de estratégias e reforços para aperfeiçoar a alfabetização e letramento desses alunos, salientando a responsabilidade do professor e da família neste processo.

Em síntese, no decorrer da pesquisa, foi possível visualizar vários desafios que a professora de ciências encontra no exercício de sua profissão com alunos com dificuldades em leitura e escrita, no qual à leva a adotar várias estratégias para enfrentar esses desafios, visando sempre driblar esses obstáculos em busca de um ensino de qualidade.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para reflexão acerca de problemáticas, como esta que estão inseridas no contexto escolar, aliando a prática e a teoria da profissão docente, levando principalmente professores em formação à estarem abertos à diferentes possibilidades e realidades, que exigirão habilidades deste para aplicar técnicas e estratégias para contribuir no processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010. Cap.3, p.55-57.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e Letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Métodos em pesquisa social**. 7.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- MEDINA-PAPST, J.; MARQUES, I. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças com dificuldades de aprendizagem. Rev. Bras. **Cineantropom Desempenho Hum**. 2010, 12 (1): 36-42.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MIRAS, M. SOLÉ, I. **A Evolução da aprendizagem e a evolução do processo de ensino e aprendizagem** in Coll, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia Da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A PROFESSORA SUPERVISORA

1) Em que ano de ensino você leciona?

Em turmas do 6º ano do ensino fundamental

2) Quais as maiores dificuldades desses alunos no processo de aprendizagem (no caso, voltado para leitura)?

Justamente a formação da palavra, identificar as palavras, fazer a leitura de palavras, inclusive palavras simples e palavras científicas que tem quem tem um pouco mais de dificuldade de entendimento e de leitura é mais difícil ainda. Os alunos que chegaram no ano de 2022, no 6º ano, são alunos que estavam no 3º e no 4º ano do ensino fundamental ainda em processo de alfabetização, e eles ficaram em casa, somente com o auxílio do caderno de atividades, a leitura ficou em segundo plano. Nesse retorno pra aula presencial é a maior dificuldade, o entendimento da leitura, fazer a leitura individual, coletiva, reconhecer as palavras, e a partir daí o entendimento do que significa a palavra, porque a leitura ela vai pra além de reconhecer as letras, você também tem que entender o significado das palavras, e essa é a maior dificuldade com os alunos do 6º ano para todas as disciplinas, não só para o ensino de ciências .

3) Quais as estratégias você utiliza para ajudar os alunos a superar essas dificuldades?

As estratégias inicialmente foi a leitura coletiva, utilizando palavras escritas no quadro, a utilização de leitura individual, quando faz a correção dos trabalhos, e os trabalhos que são feitos pra casa, que na verdade essa leitura ela nem acontece, porque o aluno já traz o trabalho pronto e a gente muitas vezes supõe que ele fez o trabalho mas na grande maioria das vezes ele recebe um auxílio, tanto que quando ele vem fazer na sala de aula dificuldade é maior. Então na sala de aula a gente percebe realmente que esse aluno ele ta num processo ainda de reconhecimento das palavras.

4) Como esses alunos são avaliados?

Realmente esse processo é diário, nós pela orientação da coordenação a gente vai fazendo essa avaliação durante as aulas nos trabalhos que são realizadas na sala de aula, nas atividades que são feitas em grupo, nas atividades que são feitas no caderno, e também na resolução das atividades no quadro, oralmente, e aí a gente vai fazendo inclusive um mapeamento , a gente tem um mapeamento com os nomes dos alunos que

realmente precisam desse auxílio e já foram orientados a fazer aula de reforço aqui na nossa escola. Então os alunos que estão no processo de alfabetização, eles vem pra aula no horário regular deles, e no contra turno eles fazem aula de reforço. A gente tem percebido uma melhora pequena, mas já é uma melhora.

5) Como é a relação entre aluno-aluno, no caso de uma sala onde existem analfabetos funcionais, alunos com dificuldades em leitura, e alunos alfabetizados. Existe algum preconceito entre esses alunos?

No começo do ano a gente percebia uma maior, não diria preconceito porque os alunos eles ainda não tem um entendimento dessa palavra “preconceito”, eles brincam, eles nomeiam, que pra gente tem esse entendimento, mas eu penso que os alunos do 6º ano ainda não sabem exatamente o que é ter preconceito com outro, de fazer realmente com a maldade, eles observam que o colega tem dificuldade as vezes fazem gracinha, mas é um processo. Eu acredito, nas turmas que eu trabalho, é um processo que a gente vai aos poucos conversando, hoje, já são mais da metade do ano, a gente percebe quando a gente elogia um aluno que conseguiu avançar minimamente, que os outros também se sentem felizes.

Antes eles apontavam “fulano não saber ler professora”, “fulano não reconhece as letras”, mas eu não sentia maldade, no entendimento quanto educadora não sentia maldade na fala deles. Pontuavam realmente porque eles não sabiam, não reconheciam, e hoje eu, nas turmas que eu trabalho eu percebo que os alunos que conseguem acompanhar dentro daquilo que é exigido dele ele já ajuda os demais, e ficam também felizes quando os demais que tiveram dificuldades, e que tem dificuldades, conseguem ler e avançar.

6) O que você faz quando os alunos não estão no mesmo ritmo?

As estratégias que a gente utiliza é justamente de chamar esse aluno pra participar mais ativamente das atividades, o processo de leitura oral individual no quadro é uma atividade que eu acho que chama atenção justamente pra aqueles que estão com dificuldades, coloca ele no protagonismo e dá a responsabilidade que ele precisa ter também. Porque não é somente você identificar o aluno e chamar a atenção dele pra essa dificuldade é você colocar também a responsabilidade que ele precisa ter, ele foi prejudicado por uma situação generalizada da pandemia, mas ele tem que correr atrás também pra tentar avançar e acompanhar os demais alunos, essa responsabilidade é dele, da família e minha quanto professora. Então ele passa um curto tempo na sala de aula,

então eu exijo dele, mas eu exijo que ele faça também o papel dele na casa, nas atividades, e a família também participa porque a gente tem o grupo de WhatsApp e a gente manda mensagem pros responsáveis pra falar “olha seu filho tá com dificuldades, ele precisa fazer o trabalho, ele precisa fazer a leitura em casa, ajude seu filho”.

Então isso é um conjunto né?

É um conjunto de coisas que precisa, as vezes os passos são muito lentinhos, porque os pais também não tem o processo de alfabetização, então como é que ele vai ajudar? Às vezes é o aluno que ta chegando aqui que é o primeiro que tá conseguindo avançar, os pais não tem, aí a dificuldade é maior. Mas eu acho que, por exemplo, aqui na nossa escola que a gente tem o reforço, foi um grande passo pra gente começar a andar com os alunos do 6º ano, porque no início, nós estávamos desesperados quando esses alunos chegaram não sabendo ler .

Então a senhora percebeu vários alunos com essa dificuldade...

Sim. No 6º ano, a gente tinha no começo do ano, quase que a metade dos alunos com dificuldades de leitura e outros que não reconheciam as letras, não reconheciam sílabas.

A escrita, como eu escrevia no quadro eles transcreviam no caderno, hoje eles já fazem, terminou lá “professora, pode continuar na mesma linha?” senão eles escreviam na outra, se você dividisse o quadro no meio, eles dividiam o caderno no meio, não tinham nenhuma noção, estavam realmente no 3º, no 4º ano, que já vem num processo de defasagem de alfabetização. E aí a gente encontrou essa realidade.

7) Qual mensagem você deixaria para os futuros professores que terão que enfrentar a realidade do analfabetismo funcional em sua prática?

Que venha com vontade realmente de fazer a diferença, o trabalho é árduo não é simples, a teoria ela muitas vezes não se enquadra na realidade que a gente vive, então a teoria fica muito nesse campo da “teoria”, quando a gente coloca em prática as dificuldades são bem maiores as adaptações a gente também precisa fazer, então eu acho que é preciso a gente alargar o olhar para além daquele realmente direcionado, observar as possibilidades, experimentar, não ter medo de errar, porque no erro também a gente vai se aprimorando, a gente não é o detentor da verdade nem do saber, a realidade nos ensina muita coisa para além daquilo que já aprendeu. Quem se lança na função de educador precisa ter amor, paciência, e estar aberto às possibilidades .

Duração: 10:07 min